

A PERSISTÊNCIA DA CRENÇA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA MIDIOSFERA BOLSONARISTA

THE PERSISTENCE OF BELIEF: DISCURSIVE STRATEGIES IN THE BOLSONARIST MEDIASPHERE

Antonio Carlos Andrade Ribeiro¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2196-4143>

Gabriely Lemos²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1824-6423>

Thiago Antônio de Oliveira Sá³

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9567-212X>

RESUMO

Neste artigo, buscou-se responder à seguinte questão: por que os grupos bolsonaristas não arrefecem, mesmo que suas profecias não se cumpram? O objetivo foi encontrar etnométodos utilizados pelos membros das redes bolsonaristas para ressignificar partes da narrativa frustradas por resultados políticos adversos. Para isso, a equipe da pesquisa elegeu termos-chave que remetem aos enunciados da narrativa bolsonarista. Então procedeu à busca no Google por imagens que contivessem os enunciados que ilustrassem os etnométodos e os eventos de ruptura difundidos na midiosfera bolsonarista entre 2018 e 2023. Os achados sugerem que públicos politicamente radicalizados guiam-se por uma racionalidade cognitiva própria, voltada para reafirmação de convicções compartilhadas, muitas vezes, à revelia dos fatos objetivos. Os membros daqueles grupos apoiadores de Bolsonaro percebem ideias, crenças e valores compartilhados internamente e tornam-se membros competentes a “fazerem sua realidade particular” acontecer, com relativa independência dos fatos do mundo exterior à midiosfera bolsonarista. A

1 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: antonio.ribeiro@ufop.edu.br.

2 Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: lemosgabriely@hotmail.com.

3 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Professor adjunto da Universidade Federal de Alfenas. E-mail: thiago.sa@unifal-mg.edu.br.

tecnologia, nesse sentido, funciona como um meio de amplificação destes rituais, mas não é sua causa principal, pois eles são inerentes à dinâmica de grupos.

Palavras-chave: etnometodologia; radicalização política; extrema direita; bolsonarismo.

ABSTRACT

In this article, we sought to answer the following question: why do Bolsonaroist groups not cool down, even if their prophecies are not fulfilled? The objective was to find ethnomethods used by members of Bolsonaroist networks to give new meaning to parts of the narrative frustrated by adverse political results. To achieve this, the research team chose key terms that refer to the statements of the Bolsonaroist narrative. He then proceeded to search on Google for images that contained statements that illustrated the ethnomethods and disruptive events disseminated in the Bolsonaroista mediasphere between 2018 and 2023. The findings suggest that politically radicalized audiences are guided by their own cognitive rationality, aimed at reaffirming shared convictions, often in spite of the underlying facts. The members of those groups supporting Bolsonaro perceive internally shared ideas, beliefs and values and become competent members to “make their particular reality” happen, with relative independence from the facts of the world outside the Bolsonaro media sphere. Technology, in this sense, works as a means of amplifying these rituals, but is not their main cause, as they are inherent to group dynamics.

Keyword: ethnomethodology; political radicalization; far right wing; bolsonarism.

INTRODUÇÃO

As manifestações de 2013 marcaram a emergência de novas direitas, militantes, aguerridas, tecnologicamente habilidosas e articuladas o suficiente para pautarem a imprensa e convocarem protestos massivos. Aproveitando-se do espírito antipetista, lavajatista e de espetacularização seletiva da corrupção da época, as novas direitas colocaram sua agenda na cena política: o capitalismo libertário, o fundamentalismo religioso, o conservadorismo moral e a paranóia anticomunista (Feres Júnior; Gagliardi, 2019; Bastos; Santos, 2019; Miguel, 2018; Gallego, 2018).

A espiral de radicalização desde então, por meio de redes sociais e de aplicativos de mensagem sem qualquer controle, resultou na progressiva e rápida bolsonarização de parte da sociedade. Assistiu-se à rápida formação de um movimento político e social com identidade e visão de mundo próprias, inclinações ao fanatismo e apoio incondicional a seu líder. Uma comunidade moral emergiu, operante por meio de códigos binários (bem/mal, sagrado/profundo,

cidadãos de bem/bandidos) e baseada em três conjuntos de valores: nacionalismo beligerante, moralismo hierarquizado e antielitismo (Alonso, 2019; Gallego, 2018; Sá, 2021).

A bolsonarização do Brasil resultou da eficiente captação, pelas novas direitas, da insatisfação causada pelas crises econômica e política nacionais, exacerbadas por escândalos de corrupção. Basicamente, o que alimenta a bolsonarização do eleitorado é a negação, o espírito “anti”: antipolítica, antipetismo, antipartidarismo e antissistema. Seus eleitores mantêm-se constantemente engajados por meio da desinformação sistemática, o que compreende notícias falsas, teorias da conspiração e discurso de ódio (Alonso, 2019; Gallego, 2019; Rovai, 2021).

As eleições de 2018 marcaram a consolidação do bolsonarismo como força política e social (Nicolau, 2020). Uma inflexão histórica à direita, assegurada por uma eficiente midiosfera que proporciona isolamento informativo, excitação das massas pelo ódio e formação de consenso por meio da desinformação (Magalhães, 2021; Rocha, 2021). Tal midiosfera consiste numa verdadeira câmara de ressonância, em que vídeos, áudios, memes e notícias falsas repetem uma mesma narrativa coerente e didaticamente elaborada para fácil assimilação. O resultado: um movimento político de apoio incondicional (e até mesmo suicida, pela sua dimensão negacionista) anti-iluminista e com feições de seita (Rocha, 2021; Sá, 2021; Silame; Trindade, 2021).

Entretanto, o bolsonarismo vem enfrentando uma série de derrotas consecutivas: perdeu as eleições presidenciais e cadeiras no parlamento, falhou nas tentativas de golpe de Estado e as profecias e conspirações têm sido sistematicamente provadas falsas. Curiosamente, contudo, os grupos de *WhatsApp*, as redes sociais e os perfis virtuais apoiadores se mantêm ativos.

Boa parte das análises produzidas sobre bolsonaristas apresentam os membros da extrema-direita como atores imersos em uma realidade paralela, em isolamento informativo, alienados pelas lideranças da extrema-direita. Destacam o negacionismo e o anticientificismo, sobretudo durante o período da pandemia da covid-19. Desta forma, a ação política aguerrida pode ser explicada pela incapacidade de observar uma realidade alternativa fora da “bolha de opinião” da extrema-direita. Embora tais achados sejam relevantes, pouca atenção tem sido dada à linguagem nas redes bolsonaristas.

Sob a ótica da Etnometodologia, o bolsonarismo não é apenas ideologia política, mas um sistema de crenças autossustentáveis. Seus membros não são meras vítimas passivas da desinformação, mas atores sociais ativos, competentes, que interpretam e ressignificam continuamente a realidade para manter a ordem dentro de sua comunidade. Assim, a permanência dos grupos e de redes virtuais bolsonaristas não é um mistério, mas reflexo da necessidade humana de manter coerência em sua visão de mundo, mesmo à custa dos fatos.

Quando as profecias falham, como a crença se mantém? Que estratégias verbais, que recursos linguísticos os habitantes da midiosfera bolsonarista empreendem para reconstruir continuamente sua realidade paralela, que os resultados dos processos políticos “insistem” em desmentir? Após as eleições de 2022, por exemplo, os participantes dos grupos de *WhatsApp* eram orientados a aguardar rebeliões pelo país em “72 horas”, ao final das quais nada acontecia. Como a esperança, as crenças e as expectativas destes indivíduos ainda se mantêm? Como o movimento se sustenta?

ETNOMETODOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Como atores sociais, em situações concretas de ação, interpretam normas, muitas vezes imprecisas, tornando possível a ordem social? (Coulon, 1995; Garfinkel, 2018). A questão básica para a Etnometodologia é conhecer “como os homens isolados, mas simultaneamente em estranha comunhão, empreendem a tarefa de construir, testar, alterar, validar, questionar e definir uma ordem juntos” (Garfinkel *apud* Heritage, 2000, p. 333).

Segundo esta perspectiva sociológica, a definição conjunta da ordem deve-se à capacidade dos atores sociais de preencherem as lacunas inerentes às situações de ação. Os agentes não são concebidos como meros aplicadores de normas internalizadas que lhes dizem como proceder em determinada situação de ação, mas como atores bem-informados, em situações nas quais a ação é algo inconcluso, contínuo e contingente (Coulon, 1995; Garfinkel, 2018). Eles possuem capacidade para refletir e para deliberar sobre como agir e se validam ou não a norma estabelecida.

O sentido da ação é definido e reconhecido apenas em ocasiões reais, isto é, no contexto imediato da situação da ação. O reconhecimento das atividades mais comuns do cotidiano, tanto quanto eventos extraordinários, depende da forma como atores em interação interpretam as declarações, verbais ou não, envolvidas na ação. A ordem social torna-se possível nas situações em que os atores sociais aderem a entendimentos contextuais compartilhados, ali, na interação (Coulon, 1995; Garfinkel, 2018).

Assim, a organização material do mundo social tem como fundamento as relações intersubjetivas, nas quais sentidos compartilhados são reafirmados por atores, que dividem o mundo da vida e utilizam uma linguagem vaga que lhes permitam evitar situações de conflito. A realidade objetiva não possui uma verdade última, mas é definida socialmente tornando-se objeto passível de significado.

Isto significa, portanto, que os indivíduos não são “idiotas culturais”, repetidores passivos de sistemas sociais dos quais fazem parte. Pelo contrário, colaboram para a atualização da dinâmica das interações. A ordem social é construída e mantida interativamente pelas práticas de seus participantes (Garfinkel, 2018).

A necessidade de se manter crenças constantes é operacionalizada socialmente por meio dos etnométodos, que abrangem desde estratégias de linguagem a técnicas de interação. Indivíduos utilizam-nos para sustentar sua visão de mundo, coletivamente, mediante à repetição de interações. Por meio deles, mantêm-se certo consenso cognitivo a respeito das situações de interação e, deste modo, a realidade social tende à estabilidade, graças à sua reafirmação constante pelos membros (Garfinkel, 2018).

Durante a ação, os atores sociais apoiam-se em entendimentos contextuais que julgam ser compartilhados por seus interlocutores. Assumem que suas “informações são significativas e que os outros captam esse significado sem problemas” (Joas; Knöbl, 2017, p. 188). A quebra das expectativas contextuais desestrutura a ação produzindo desorientação, raiva, conflito e ruptura. A única alternativa é tentar “normalizar as incongruências resultantes no interior da ordem dos eventos da vida cotidiana” (Garfinkel, 2018, p. 137). Quando os eventos fogem às expectativas contextuais, os atores se esforçam para torná-los inteligíveis e, assim, restaurar a normalidade

aparente, protegendo suas convicções, principalmente porque abrir mão delas significa não ter outras “verdades” para colocar no lugar.

Assim, esta é a função dos rituais sociais: criar laços emocionais entre os participantes, reforçando, reavivando e restaurando identidades coletivas. Segundo Randall Collins (2009), a sociedade está repleta de ilusões, mas elas são necessárias. Pois não podemos agir sem “objetos significados”, isto é, não podemos viver sem converter situações específicas em regras e papéis. Toda interação precisa de consensos mínimos.

Deste modo, a Etnometodologia ajuda a entender por que e como grupos radicais sustentam crenças, mesmo diante de evidências contrárias. Que etnométodos os bolsonaristas mobilizam para normalizar suas expectativas contextuais, quando estas são frustradas pelos resultados do processo político? Quando ilusões são desmentidas, que práticas específicas as reafirmam? Quando uma profecia política não se concretiza, quais narrativas são rapidamente desenvolvidas para justificar a aparente contradição? Como seguir crendo que “as Forças Armadas estão agindo nos bastidores”, ou que “Alexandre de Moraes logo será preso” quando, passadas “72 horas”, nada acontece?

METODOLOGIA

Neste artigo, analisamos o conteúdo de memes publicados na midiosfera bolsonarista. Inspiradas(os) pela perspectiva etnometodológica, a análise dos conteúdos dos memes visou à classificação dos recursos empregados naquele ambiente virtual para se reinterpretar narrativas frustradas pelos resultados políticos. Procuramos identificar estratégias como construção de teorias conspiratórias e de justificativas, preenchimento de lacunas nas certezas coletivas e a formulação de novas razões para ações políticas concretas.

Examinamos alguns enunciados produzidos em memes que circularam nas plataformas digitais, entre 2018, ano eleitoral, e 2024, segundo ano do terceiro mandato de Lula, para investigar como acontecimentos que contradizem a narrativa dos grupos bolsonaristas foram ressignificados. Os acontecimentos nomeados por nós “eventos de ruptura” - uma referência aos experimentos de ruptura de Garfinkel - tornaram-se públicos via reportagens, sustentadas por denúncias, investigações independentes ou policiais e depoimentos formais. Os enunciados foram capturados por meios de buscas no Google sobre os acontecimentos. Para realizar a busca no Google, elegemos o seguintes termos: “Eu sou um robô do Bolsonaro”; “Moro neles”; “Heróis de Bolsonaro”; “Moro comunista”; “Bolsonaro, capitão herói”; “Moro e Bolsonaro reatam”; “Fraudes nas urnas resultado eleições 2022”; “Posse de Lula”; “Acampamentos bolsonaristas, quartéis”; “8 de janeiro”; “8 de janeiro, prisões”; “Forças armadas vendidas, 7 de setembro 2023”; “Julgamento golpistas de 8 de janeiro”; “Choro da advogada”.

Os termos de busca foram escolhidos pelos autores e pela autora deste artigo após debate sobre os principais eventos registrados na narrativa que anima a midiosfera bolsonarista. Esses eventos ilustram as fases de formação, de desenvolvimento e de conclusão parcial do movimento que se constituiu em torno do nome de um deputado do baixo clero na Câmara Federal. O Quadro 1 descreve o contexto de cada termo escolhido.

Quadro 1 - Termos de busca no Google, ano e contexto dos enunciados.

Termos de busca	Ano	Contexto
Eu sou um robô do Bolsonaro	2018	O nome de Bolsonaro começa a aparecer como uma alternativa viável nas eleições. O vídeo tinha o objetivo de desqualificar críticas ao candidato.
Moro neles	2018	Momento pré-eleitoral. Julgamento de Lula, principal oponente de Bolsonaro nas eleições, e o papel de Sérgio Moro nas investigações da Lava Jato.
Heróis de Bolsonaro	2018	Após a eleição de Bolsonaro, começa a escolha dos ministros de seu primeiro escalão, destacando figuras que apoiaram sua campanha.
Moro comunista	2019/ 2020	Refere-se à alegação de que Moro, ex-juiz que se tornou ministro de Bolsonaro, teria se aproximado de ideias políticas mais à esquerda em determinadas situações.
Bolsonaro, capitão herói	2019	Relacionado à imagem de Bolsonaro como líder militar e herói, um apelo popular durante seu governo.
Moro e Bolsonaro reatam	2021/ 2022	Refere-se ao momento em que Sérgio Moro, que havia se distanciado de Bolsonaro, reatou sua aliança com o presidente, provavelmente em um cenário eleitoral.
Fraudes nas urnas resultado eleições 2022	2022	Alegações de fraudes nas eleições de 2022, um tema polêmico que foi defendido por Bolsonaro e seus aliados após sua derrota para Lula.
Posse de Lula	2023	Refere-se à posse de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil em 2023, após sua vitória nas eleições de 2022.
Acampamentos bolsonaristas, quartéis	2022/ 2023	Manifestantes bolsonaristas montam acampamento em frente aos quartéis pedindo intervenção militar.
8 de janeiro	2023	Manifestação violenta em Brasília e ataque aos prédios dos três poderes.
8 de janeiro prisões	2023	Forças de segurança prendem manifestantes violentos em tentativa de golpe.
Forças armadas vendidas, 7 de setembro 2023	2023	Mobilização nas mídias sociais em favor do boicote das comemorações da Independência do Brasil.
Julgamento golpistas de 8 de janeiro	2023	Julgamento no STF dos presos em 8 de janeiro.
Choro da advogada	2023	Advogada chora em apelo emocional durante o julgamento dos presos em 8 de janeiro.

Fonte: elaboração própria.

Nosso foco deteve-se, então, nos métodos utilizados pelos membros competentes (tanto produtores como consumidores de conteúdo digital) para normalizar situações que contradiziam os entendimentos compartilhados por aquela “bolha de percepção”. A própria emergência

de fatos novos que contradiziam a narrativa deste grupo criou a oportunidade para observarmos a ação prática na construção da solução de contradições entre o que se acredita e o que acontece. Nosso olhar concentrou-se nas “reparações discursivas” que têm lugar na midiosfera bolsonarista, diante de novidades “inconvenientes”.

RESULTADOS

Acontecimento1: robôs do Bolsonaro. Começamos nossa análise pela viralização do vídeo dos “robôs do Bolsonaro”. Este vídeo poderia ser analisado sob duas perspectivas teóricas distintas: a Teoria Crítica e a Etnometodologia. Enquanto a primeira enfatiza as estruturas de poder e os mecanismos de manipulação midiática, a segunda focaliza os processos pelos quais os indivíduos constroem ativamente significados no cotidiano.

Figura 1 - Evento de ruptura: robôs de Bolsonaro. Etnométrodo: Ironia.



Fonte: <https://youtu.be/ona6v395GPU?si=TIYWc5pQW2Ap6Egd> (print do vídeo aos 15 segundos).

Na perspectiva da Teoria Crítica, essa performance dos apoiadores de Bolsonaro pode ser entendida como uma estratégia de contranarrativa, que busca deslegitimar as acusações sobre o uso de robôs e de perfis falsos para inflar artificialmente a popularidade do candidato. A lógica subjacente a essa estratégia é a de neutralizar uma crítica séria por meio da ironia, da sátira e do deboche, esvaziando seu potencial de impacto político. Esse tipo de reação pode ser visto como um exemplo do que Adorno e Horkheimer (1985) chamariam de “indústria cultural”, pela qual conteúdos virais tornam-se entretenimento e diluem o debate político, impedindo uma reflexão

crítica sobre o tema original. A ironia do gesto “sim, somos robôs” funciona como uma tática discursiva para desviar a atenção da denúncia inicial e reforçar o vínculo afetivo entre os apoiadores de Bolsonaro e sua candidatura.

Por outro lado, a Etnometodologia permite compreender esse fenômeno a partir da perspectiva dos próprios participantes, enfatizando como eles constroem e sustentam coletivamente significados na interação social. A performance dos “robôs” não é apenas uma resposta irônica a uma acusação da mídia, mas um exemplo de como os membros do grupo bolsonarista ressignificam eventos externos para reforçar sua identidade coletiva. Ao encenar essa performance, os participantes demonstram que compreendem o funcionamento do debate público e mobilizam recursos interacionais para desafiar narrativas adversárias. Esse tipo de ação reforça o que Garfinkel (2018) chama de “mundo da vida cotidiana”, no qual os indivíduos utilizam etnométodos para garantir a coerência de suas crenças e práticas sociais.

O vídeo dos “robôs do Bolsonaro” também ilustra a importância do processo de ressignificação dos enunciados, que ultrapassa a intenção racional-instrumental dos enunciadores originais. A denúncia da revista *Veja* sobre o uso de perfis automatizados tinha como objetivo questionar a autenticidade da popularidade de Bolsonaro nas redes sociais. No entanto, os apoiadores do candidato transformaram essa acusação em um símbolo de pertencimento e resistência, apropriando-se do termo “robôs” de maneira performática. Esse processo de inversão discursiva é um mecanismo central na construção da identidade política de grupos radicais, pois permite que seus membros se reafirmem diante de críticas externas e fortaleçam o senso de coesão interna.

Além disso, essa performance pode ser interpretada à luz da teoria dos rituais de interação, de Erving Goffman (2011). O ato de se imitar robôs, em grupo, filmar a cena e compartilhá-la massivamente pelas redes sociais pode ser visto como um ritual que reafirma a identidade dos participantes e cria senso de solidariedade. Os apoiadores de Bolsonaro não estão apenas reagindo a uma crítica da mídia, mas também reforçando seu pertencimento a um grupo, para o qual a rejeição à imprensa e a ironia política são fundamentais.

Portanto, a viralização do vídeo dos “robôs do Bolsonaro” não pode ser reduzida a uma simples sátira política. Ele exemplifica como grupos políticos mobilizam estratégias discursivas para ressignificar ataques, transformar acusações em símbolos de pertencimento e fortalecer identidades coletivas. Enquanto a Teoria Crítica ajuda a entender as implicações ideológicas desse fenômeno, a Etnometodologia ilumina os processos práticos pelos quais os indivíduos interpretam, assumem e sustentam narrativas.

Acontecimento 2: o Gabinete da Justiça do juiz herói. Etnométrado adotado pelos agentes - mitificação. Para responder ao questionamento sobre a capacidade técnica dos ministros do primeiro escalão do governo Bolsonaro, as escolhas foram justificadas comparando os escolhidos aos super-heróis. A estratégia foi utilizar o conhecimento do senso comum sobre o universo Marvel para associar qualidades de super-heróis aos escolhidos. A mitificação envolve também o presidente eleito e apoiadores próximos.

A próxima figura ilustra um exemplo do enunciado produzido com base no etnométodo da mitificação. Ela associa os primeiros ministros escolhidos por Bolsonaro a imagens de figuras imaginárias da série de filmes “Os Vingadores”. A linguagem utilizada é complementada com a

ideia de que pessoas tecnicamente preparadas lutariam contra a ameaça comunista que rondaria o país, e de que conseguirão reverter os estragos feitos pela esquerda e pelo Partido dos Trabalhadores nos últimos anos.

A mitificação pode ser observada na construção da imagem de Sérgio Moro como um “herói da justiça”, especialmente durante sua atuação na Operação Lava Jato e sua nomeação como Ministro da Justiça. A mitificação converte indivíduos em figuras quase lendárias, atribuindo-lhes qualidades excepcionais.

No caso do “Gabinete da Justiça” liderado por Moro, a narrativa construída reforçou a ideia de que ele seria um juiz imparcial, técnico e moralmente incorruptível, um “salvador da nação” no combate à corrupção. Esse enunciado não é apenas um discurso isolado, mas sustentado por práticas comunicativas que reforcem esse entendimento.

Figura 2 - Narrativa normalizada: Moro é um herói que salvará o Brasil dos comunistas. Etnométrico: mitificação.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/7AdRa9vsipRcWf4VA>.

Paralelamente, Bolsonaro e seus aliados começaram a se apropriar dessa narrativa e a expandi-la para outros personagens do seu grupo político. A escolha dos ministros, incluindo Moro, foi envolvida nesse processo de mitificação. Veja-se a imagem que associa os ministros nomeados a personagens da série de filmes *Os Vingadores* e *Liga da Justiça*. Esse material reforça um entendimento compartilhado dentro da mídia bolsonarista: os ministros seriam guerreiros preparados para derrotar uma suposta “ameaça comunista” e restaurar a ordem no país. Na imagem em questão, Bolsonaro aparece como Capitão América, herói patriota. Sérgio Moro, Super-Homem, personagem símbolo da justiça e da luta contra o mal. A deputada Joice Hasselmann aparece como Mulher-Maravilha, simbolizando a força feminina. O general Hamilton Mourão foi comparado ao Hulk, e Marcos Pontes ao Homem de Ferro.

Figura 3 - Narrativa: aliados e ministro de Bolsonaro são super-heróis patriotas. Etnométrodo: mitificação.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/5rD8vv6xNjqJGV4R8>.

Esse processo de mitificação não foi apenas um fenômeno de redes sociais, mas também apareceu em discursos oficiais e no comportamento dos apoiadores, que passaram a se referir ao governo como uma batalha heróica contra inimigos internos e externos. Isso demonstra como a justificação da escolha de Moro e de outros ministros não se deu exclusivamente com base em suas competências técnicas, mas foi posteriormente reforçada pela mitificação. “A liga chegou pra consertar as besteiras que o PT fez”.

Com o tempo, tal unidade do grupo abalou-se. A saída de Moro do governo em 2020 impactou a narrativa dos heróis. Quando Moro rompeu com Bolsonaro, o mesmo conjunto de estratégias foi mobilizado para desconstruir sua imagem, transformando-o em traidor. Isso mostra como o processo de mitificação é dinâmico, podendo ser reconfigurado segundo as circunstâncias políticas.

Figura 4 - Evento de ruptura: Moro denuncia tentativa de Bolsonaro de intervir na Polícia Federal.



Fonte: <https://x.com/guilhermeboulos/status/1253746728072884224>.

Após este evento de ruptura da denúncia de Moro sobre a intervenção de Bolsonaro na Polícia Federal, não tardaram a aparecer, na midiosfera bolsonarista, “adaptações discursivas” que dessem conta de dirimir essa tensão na narrativa. Moro passou a ser tratado como “comunista”, como agente infiltrado no governo para desestabilizá-lo.

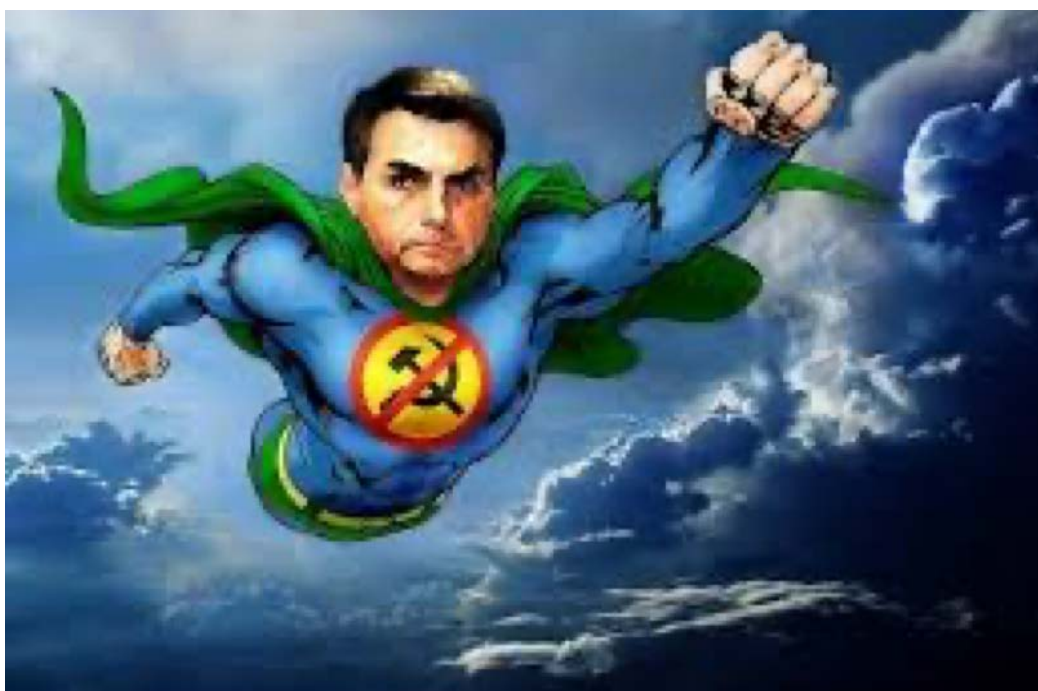
Figura 5 - Normalização da narrativa: Moro comunista infiltrado no governo. Etnométrico: Reforço de crenças.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/PJ7CBXppH77n6AT58>.

Novas figuras foram incorporadas à narrativa, enquanto outras foram descartadas. No contexto da pandemia, médicos alinhados ao governo, como Nise Yamaguchi e Jair Ventura, foram promovidos a novos “heróis” na luta contra as restrições sanitárias e a vacinação obrigatória. Já na campanha eleitoral de 2022, Bolsonaro se colocou como o último herói remanescente a enfrentar “o sistema”. Isso reforçou sua imagem messiânica, central para manter a mobilização de sua base, diante de derrotas políticas.

Figura 6 - Narrativa normalizada: Bolsonaro luta sozinho para salvar o país do comunismo.
Etnométrico – mitificação.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/YtvNwW9Pctx3CCYU7>.

Antes das eleições de 2022, no entanto, Moro, que era candidato a senador, declarou, de fato, apoio a Bolsonaro. Ele mesmo apontava publicamente que ambos tinham um adversário comum: Lula. Nas redes bolsonaristas, o alarmismo foi empregado para “harmonizar” estes novos fatos com a narrativa prevalecente.

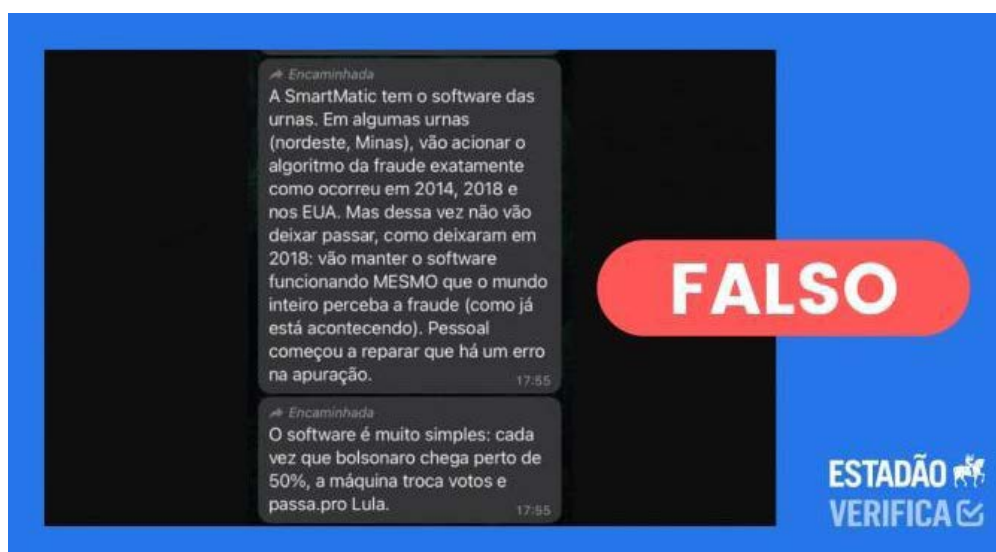
Figura 7 - Narrativa normalizada: Risco do PT voltar ao poder. Etnométodo – Alarmismo.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/m6DaDDwdau4fGAYVA>.

Acontecimento 3: eleições de 2022. Porém, o PT venceu as eleições daquele ano, quando se alimentava na midiosfera bolsonarista as certezas da vitória de Bolsonaro e de que qualquer outro resultado dever-se-ia a complô, farsa ou fraude. Bolsonaro estaria, mais uma vez, sozinho na luta antissistema. A vitória do PT seria, no ambiente da midiosfera bolsonarista, um evento de ruptura grave, difícil de se contornar, para o qual suas lideranças, influenciadores digitais, “Gabinetes do Ódio” e vozes importantes em geral se prepararam desde o ano anterior. Assim foram as estratégias discursivas de manutenção da narrativa:

Figura 8 - Narrativa normalizada: o PT não venceu as eleições, pois houve fraude. Etnométodo - reforço de crença.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/FhJZhE3ZM7kjGE7Q9>.

O período pós-eleitoral de 2022 foi marcado pela recusa de setores bolsonaristas em aceitar a vitória de Lula. Contra a cerimônia de posse do presidente e, portanto, contra a consumação da alternância de poder (sem dúvida um evento de ruptura impactante dentro da midiosfera) foi sistemático o uso do terrorismo como etnométodo, isto é, como estratégia discursiva e prática. A permanência de acampamentos em frente a quartéis, as críticas infundadas à lisura das urnas eletrônicas e os atos violentos do dia 8 de janeiro de 2023 exemplificam como o terrorismo foi empregado para justificar ações antidemocráticas, sustentar crenças conspiratórias e intensificar o radicalismo político.

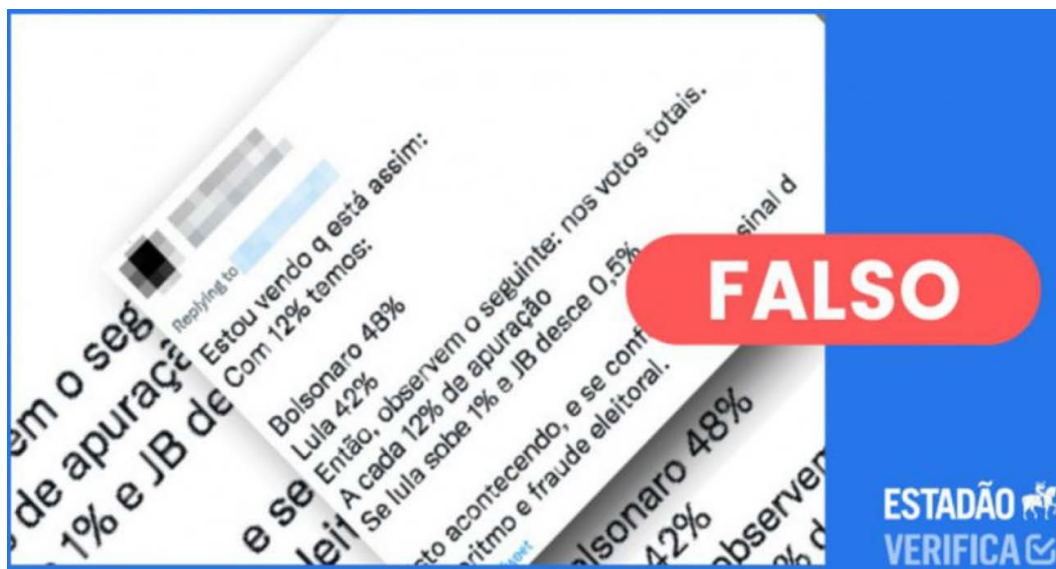
Figura 9 - Evento de ruptura: Posse de Lula após eleições de 2022.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/4Wo46uS2w2J2JS927>.

Mesmo havendo Lula tomado posse, novos etnométodos foram empregados dentro do ambiente virtual bolsonarista para “adaptar os fatos”, isto é, fazer a realidade “caber dentro da narrativa”. Se a posse àquela altura era inegável, posto que consumada, logo apareceram conteúdos imputando fraude às eleições.

Figura 10 - Narrativa normalizada: Fraude eleitoral. Etnometodo – Questionamentos.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/EF6CXWA3jeAJG8UGA>.

Cabe destacar que “terrorismo”, no contexto da Etnometodologia, refere-se à prática de amplificar percepções de ameaça e de insegurança para justificar ações extremas. Não se trata necessariamente de atos violentos, mas da construção discursiva de um ambiente de medo, tenso, no qual o inimigo é apresentado como uma ameaça iminente à ordem social e política. Cria-se um senso de urgência que mobiliza os indivíduos a agirem em defesa de uma causa percebida como justa e necessária.

Na midiosfera bolsonarista, isso foi empregado para transformar a derrota eleitoral de Bolsonaro em uma narrativa apocalíptica. A vitória de Lula não foi interpretada como alternância de poder, mas como o retorno de um inimigo capaz de destruir os valores e a economia da nação. Essa construção simbólica sustentou a permanência dos acampamentos em quartéis e a busca por uma intervenção militar, vista como a única solução para impedir a suposta “tomada do poder pelos comunistas”.

Acontecimento 4: o mandato de Lula a partir de 2023. Após o segundo turno das eleições de 2022, milhares de apoiadores de Bolsonaro estabeleceram acampamentos em frente a quartéis militares em todo o Brasil. Esses espaços funcionaram como microcosmos da midiosfera bolsonarista, onde o terrorismo verbal foi continuamente reproduzido por meio de discursos alarmistas, vídeos, áudios e mensagens compartilhadas em redes sociais e aplicativos de mensagens.

O principal enunciado desses grupos era a iminente destruição da liberdade, da propriedade privada e dos valores cristãos, atribuída à ascensão do governo petista. Para justificar sua permanência nos acampamentos, os participantes resignificaram o ato de ocupação como uma missão patriótica para salvar o país de uma ditadura comunista próxima. O medo da perseguição

e da censura foi reforçado por vídeos e mensagens que circulavam incessantemente, criando um ambiente de constante tensão e urgência.

Esse uso do terrorismo como etnométodo explica por que os acampamentos persistiram mesmo após sucessivas declarações das Forças Armadas reafirmando a legalidade do processo eleitoral. A crença compartilhada de que o tempo estava se esgotando para impedir o colapso da democracia justificava a manutenção do estado de mobilização permanente, característico de movimentos políticos radicalizados.

Outro elemento central nesse processo foi a disseminação de desinformação sobre supostas fraudes nas urnas eletrônicas. Mesmo antes da campanha de 2022, Bolsonaro e seus aliados questionaram a segurança do sistema eleitoral brasileiro, sem apresentar provas. Após a derrota, tais acusações ganharam força nas redes sociais, alimentando a crença de que a vitória de Lula era ilegítima.

O reforço dessas crenças foi potencializado pelo uso estratégico do alarmismo. Mensagens alertavam para o fim da liberdade de expressão, para a censura nas redes sociais e para a prisão de opositores políticos, criando um clima de pânico moral. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Supremo Tribunal Federal (STF) foram apresentados como instituições corrompidas, comprometidas com o silenciamento de qualquer contestação. Esse discurso transformou a desconfiança nas urnas em uma questão existencial, na qual aceitar o resultado eleitoral equivaleria a aceitar o fim da democracia.

Mesmo que auditorias independentes confirmassem a integridade do sistema eleitoral, os membros da midiosfera bolsonarista continuaram a reinterpretar as evidências em favor de suas crenças preexistentes. Essa ressignificação das evidências adversas demonstra o papel do terrorismo verbal na manutenção da coesão do grupo, reforçando a percepção de que a única solução seria uma intervenção militar para restaurar a “verdadeira” democracia.

O ápice de seu uso foi em 8 de janeiro de 2023, quando manifestantes bolsonaristas invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes em Brasília. Esse ato foi o resultado direto da construção discursiva que apresentava o governo eleito como uma ameaça existencial. A invasão não foi apenas um ato de protesto, mas a tentativa de converter o discurso em ação concreta, a impedir o que os participantes percebiam como o colapso iminente da nação.

A violência do evento revela como se pode transformar percepções subjetivas em ações objetivas. O medo generalizado e o senso de urgência justificaram, aos olhos dos manifestantes, a invasão. Ao mesmo tempo, a violência simbólica da depredação dos símbolos do poder buscava reafirmar o controle do grupo sobre o espaço público, consolidando sua identidade coletiva como defensores da pátria.

Figura 11 - Narrativa normalizada: Forças Armadas são aliadas dos patriotas.
Etnométrico - acampamentos em frente aos quartéis.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/wHg7WQUtTeCFiDJU6>.

Imagens como a apresentada a seguir demonstram o trabalho constante de ressignificação de fatos e de reconstrução de narrativas, por meio da atribuição de heroísmo às ações práticas dos membros.

Figura 12 - Narrativa normalizada: Patriotas salvaram o Brasil da ameaça comunista. Etnométrico: terrorismo.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/BA7dqGx2KNj8BdCj6>.

Entretanto, mais uma vez, outro evento de ruptura “teimou” em desmentir a crença: as próprias forças de segurança contiveram e detiveram os insurgentes, presos por tentativa de golpe de Estado. Mais um fato a ser reinterpretado, ressignificado e partilhado dentro da mídia, de modo a apresentar à militância certa coerência narrativa.

Figura 13 - Evento de ruptura: Patriotas presos pelas forças de segurança em 08/01/2023 por tentativa de golpe.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/k8cMg1tn26asuNVz6>.

Diante disso, começaram a surgir conteúdos, falas e outros arquivos conferindo sentido à prisão dos “patriotas” pelas forças de segurança. Elas passaram a ser retratadas como vendidas, traidoras e infiéis.

Figura 14 - Narrativa normalizada: ataque às Forças Armadas Brasileiras, “vendas”.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/QLvY6ddjBvUrLu437>.

O uso do terrorismo durante o processo pós-eleitoral de 2022 evidencia como os mecanismos cotidianos de interpretação da realidade podem ser mobilizados para justificar ações extremas. A permanência dos acampamentos em quartéis, a desconfiança persistente nas urnas

eletrônicas e a violência do 8 de janeiro demonstram que o radicalismo político não é apenas fruto de discursos isolados, mas de práticas sociais compartilhadas que ressignificam continuamente os eventos políticos.

Isso não apenas intensificou o comprometimento dos indivíduos com a narrativa bolsonarista, mas também criou um ambiente em que a violação das normas democráticas passou a ser vista como uma resposta legítima ao medo amplificado. Essa dinâmica ilustra o poder da linguagem e da interpretação social na construção da realidade política, evidenciando como o discurso alarmista pode transformar percepções subjetivas em ações concretas, com impactos profundos para a estabilidade democrática.

Figura 15 - Evento de ruptura: Julgamento e condenação dos participantes da tentativa de golpe.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/Ee6gJyQJx7qMNDL8A>.

E assim seguiu, dentro das redes, o comprometimento discursivo pelas “reformas” da narrativa, muitas vezes por meio de questionamentos, lançamento de dúvidas, sarcasmos ou ironias.

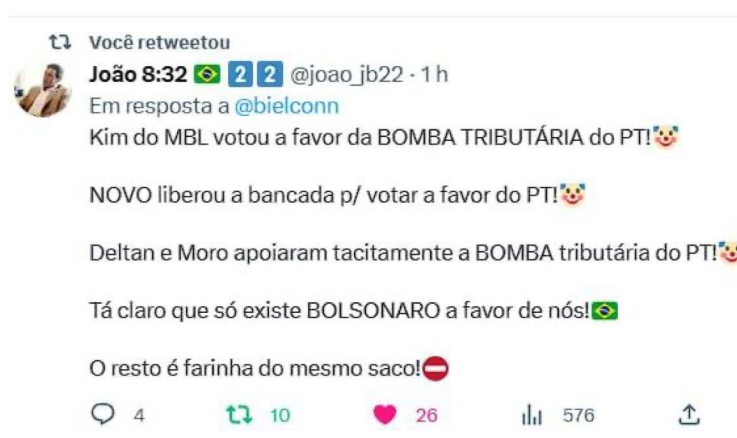
Figura 16 - Narrativa normalizada: Tese do julgamento político. Etnométrodos: Ironia e questionamentos.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/8WE5YsQYtoE8KFcB6>.

Cabe destacar que, embora todo esforço discursivo seja empregado na construção social de uma realidade paralela, a realidade “real”, de certa forma, é tacitamente aceita, numa combinação eclética de fantasias e fatos. Como se vê a seguir, embora a eleição de Lula seja negada, pressupõem seu governo a partir de 2023, inclusive lutando contra suas medidas. Contraditório para quem observa de fora, mas coerente para quem vivencia e colabora com a manutenção da ordem cognitiva do grupo.

Figura 17 - Narrativa normalizada: Bolsonaro é o único ao lado do Brasil na luta contra o sistema.
Etnométrodo - Reforço de crenças na luta antissistema.



Fonte: Grupos de WhatsApp de acesso público.

Exemplos como estes, de se “consertar” a realidade até que ela caiba no entendimento comum dos membros, nas suas convicções, em suas expectativas, em sua visão de mundo e em suas orientações práticas não faltam. Sobretudo dado o isolamento informativo que o efeito-bolha desse ambiente digital proporciona. Entretanto, os limites deste artigo impedem a extensão da análise. Outros motivos utilizados na construção e na manutenção da narrativa bolsonarista, como a “luta contra o sistema”, a cruzada moral e o conspiracionismo, frequentes na moldagem da percepção da realidade e da orientação das ações práticas, merecem um trabalho exclusivamente sobre eles e, portanto, ultrapassam os objetivos deste trabalho.

Não resta dúvida de que a produção diária de desinformação visa à manipulação e à manutenção do eleitorado. Há “engenheiros dos caos” encarregados disso (Empoli, 2020). Mas o que destacamos aqui é o papel ativo dos membros da midiosfera: não só acreditam, como compartilham, assumem aquilo como realidade e ajudam a reconstruí-la. Nosso foco foi esta reestruturação contínua do entendimento cotidiano por meio da retroalimentação de certezas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Bolsonaristas consomem narrativas, certamente, por meio das quais inclusive são “formados”. Mas também reproduzem-nas ativamente, reforçando crenças e redefinindo eventos políticos em suas interações cotidianas. Neste sentido, estes atores sociais não são apenas usuários de Internet passivos, alienados e manipulados, mas também membros competentes de uma comunidade, interpretando processos políticos dentro das expectativas coletivas e inclusive agindo orientados por elas. Pensam e produzem discursos e, em conformidade com a lógica do grupo, geram certezas a partir das crenças prévias que partilham. Há certa racionalidade cognitiva que orienta a preservação da coerência da ordem. Os membros, competentes, têm livre acesso ao reservatório de “conceitos”, de “fatos” e de “teorias” compartilhado de seu grupo. Assim, identificamos, nestes etnométodos, estratégias de reconstrução da ordem social, utilizados para normalizar os momentos de ruptura que abalam a narrativa. Destacamos tais estratégias como base para a radicalização política da extrema-direita.

Embora os dispositivos tecnológicos intensifiquem esse processo, os mecanismos sociais fundamentais que sustentam a coesão do grupo permanecem os mesmos daqueles observados em rituais tradicionais, como encontros religiosos, manifestações e eventos políticos. Nos grupos de WhatsApp, a construção e a reafirmação da identidade bolsonarista ritualiza-se por meio de interações constantes, como o compartilhamento de memes, a disseminação de mensagens de ódio contra adversários e a participação em correntes de desinformação. Esses rituais geram fervor emocional, levando os membros a se engajarem cada vez mais, independentemente da realidade externa. Isso explica por que, mesmo após perderem eleições e falharem em tentativas golpistas, muitos bolsonaristas continuam ativos. A identidade política desses sujeitos é sustentada por interações ritualizadas diárias, tecnologicamente mediadas ou não. Ou seja: as inovações tecnológicas transformam as situações de ação ao oferecer novas condições para a interação social, mas não modificam os mecanismos fundamentais que sustentam a ação coletiva, isto é, compromisso com crenças coletivas e a validação mútua dentro do grupo.

A radicalização política, portanto, não é um fenômeno tecnológico em si, mas um processo social que se adapta às novas condições oferecidas pelas plataformas digitais, sem alterar sua lógica fundamental de funcionamento: indivíduos buscam confirmar suas crenças por meio de interações e de validações sociais. A tecnologia apenas intensifica esse processo ao aumentar o grau de comprometimento dos usuários com esses conteúdos direcionados. Sob a ótica da Etnometodologia, o algoritmo não “cria do zero” a crença em teorias conspiratórias, mas fornece um ambiente propício para que os indivíduos usem etnométodos para reafirmar a narrativa dominante em seus grupos sociais.

Para futuras investigações, cabe explorar o papel dos algoritmos nesta formulação de seitas políticas. É pertinente aprofundar como os dados de navegação dos usuários são empregados na oferta de conteúdo afim a seus interesses, fazendo com que eles adentrem ambientes de discurso único, e dentro dos quais começam a abraçar teorias da conspiração, negar fatos amplamente conhecidos e desenvolver discursos de ódio.

CONCLUSÃO

A radicalização política não é apenas um processo ideológico, mas também ritualístico. Os membros do grupo, movidos pela racionalidade cognitiva, precisam participar ativamente desses rituais para manter seu comprometimento, o que explica por que o engajamento bolsonarista se mantém, mesmo após sucessivas derrotas políticas. A tecnologia, nesse sentido, funciona como um meio de amplificação dos rituais, mas não é sua causa principal. O fundamental é o ritual em si, a congregação de ideias, que pode ocorrer em qualquer espaço, seja digital ou físico. Enquanto houver rituais de reafirmação, o grupo permanecerá ativo, independentemente da realidade externa, pois sua coesão depende mais da interação contínua entre seus membros do que de fatos concretos. As interações internas, bolsonaristas ou não, com suas práticas marcantes, símbolos e momentos de excitação coletiva, tornam a realidade externa secundária. Com a coesão do grupo em dia, seus membros continuam engajados, mesmo quando suas previsões falham.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: **Democracia em risco**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 52-71.
- BASTOS, João Guilherme; SANTOS, Karina Silva dos. Das bancadas ao *WhatsApp*: redes de desinformação como arma política. In: GALLEGU, Esther Solano (org.). **Brasil em colapso**. São Paulo: Ed Unifesp, 2019. p. 36-48.
- COLLINS, Randall. **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 2009.
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FERES JÚNIOR, João; GAGLIARDI, Juliana. O antipetismo da imprensa e a gênese da nova direita. In: GALLEGU, Esther Solano (org.). **Brasil em colapso**. São Paulo: Ed Unifesp, 2019. p. 78-92.
- GALLEGU, Esther Solano. Apresentação. In: GALLEGU, Esther Solano (org.). **O ódio como política**: a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Ed Boitempo, 2018. p. 11-15.
- GALLEGU, Esther Solano. A bolsonarização do Brasil. In: **Democracia em risco**: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 250-262.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GARFINKEL, Harold. **Estudos de Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HERITAGE, John. Etnometodologia. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (orgs). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. p. 321-392.
- JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. **Teoria Social**: Vinte lições introdutórias. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

MAGALHÃES, Alisson. Por dentro das redes: construindo consenso via dissensos e desinformação nas redes sociais. *In: SÁ, Thiago A. de Oliveira (org). Extremo: o mandato Bolsonaro*. Curitiba: Kotter, 2021. p. 187-202.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. *In: GALLEGO, Esther Solano (org.). O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Ed Boitempo, 2018. p.16-26.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**. Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ROCHA, João Cezar Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROVAI, Marta. A cruzada bolsonarista pela moral: os “bons costumes” que ferem a vida. *In: SÁ, Thiago A. de Oliveira. Extremo: o mandato Bolsonaro*. Curitiba: Kotter, 2021. p. 289-306.

SÁ, Thiago Antônio de Oliveira. Masoquistas aplaudem o sádico: o apoio autodestrutivo da torcida bolsonarista. *In: SÁ, Thiago A. de Oliveira. Extremo: o mandato Bolsonaro*. Curitiba: Kotter, 2021. p. 233-258.

SILAME, Thiago; TRINDADE, Gleyton. A cruzada antidemocrática e anti-iluminista da ideologia de Bolsonaro. *In: SÁ, Thiago A. de Oliveira. Extremo: o mandato Bolsonaro*. Curitiba: Kotter, 2021. p. 219-232.

(Recebido para publicação em 2 de março de 2025)

(Reapresentado em 2 de abril de 2025)

(Aprovado para publicação em 5 de abril de 2025)